
**A (RE)ESCRITA DE NOSSA HISTÓRIA NA MEMÓRIA-HISTÓRICA
MEDIANTE UM *LOCUS* ÉTICO-VIVENCIADO**

Ângela Márcia dos Santos Façanha¹

Resumo: No cenário sociocultural brasileiro a população negra e seus diferentes aspectos culturais, nas representações construídas mediante um discurso hegemônico na cultura brasileira, são marcados por um processo de desvalorização que culmina na marginalização do povo negro. Esse aspecto está presente nos diversos discursos políticos e artísticos que se configuram como discursos sociais, estando relacionados às visões de mundo eurocêntricas, como podemos ver nas diversas obras literárias que abordam o povo negro, como *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, narrativa centrada na estética naturalista presente no meio social brasileiro do século XIX; *Macunaíma*, de Mário de Andrade, vinculado à famigerada primeira geração modernista; dentre outras narrativas que ao longo da história literária brasileira. Obras literárias que partindo de um *locus* discursivos de fora das vivências da população negra inscreve uma construção de imagens, carregadas de valores depreciativos, em torno da população negra. Contudo, nos últimos anos está surgindo no cenário cultural, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, discursos que buscam reescrever a imagem da população negra na memória-histórica partindo de um *locus* social de sujeitos discursivos negros. Pensando nessas obras literárias que partem de sujeitos discursivos negros, neste trabalho construímos uma discussão abordando o poema *Canção de ninar para um negro* (2020), de Merlem Alves, e o poema/canção *Boi da Cara Branca* (2019), recriação da cantiga de ninar “*Boi da Cara Preta*”, de Élio Ferreira, tentando entender como ocorre a (re)escrita da imagem do povo negro no imaginário social mediante uma construção discursiva que surge em *locus* ético-vivenciado.

Palavras-chave: Palavra política. (Re)escrita. Imaginário social.

**THE (RE)WRITING OF OUR HISTORY IN THE HISTORICAL-MEMORY
THROUGH AN ETHICAL-LIVING LOCUS**

Abstract: In the Brazilian sociocultural scenario, the black population and its different cultural aspects, in representations built through a hegemonic discourse in Brazilian culture, are marked by a process of devaluation that culminates in the marginalization of black people. This aspect is present in several political and artistic discourses that are configured as social discourses, related to Eurocentric worldviews, as we can see in several literary works that deal with black people, such as *O Cortiço*, by Aluísio Azevedo, a narrative centered in the naturalist aesthetics present in the Brazilian social ambient of the 19th century; *Macunaíma*, by Mário de Andrade, linked to the notorious first modernist generation; among other narratives that throughout Brazilian literary history. Literary works that, starting from a discursive locus outside the experiences of the black population, inscribe a construction of images, loaded with depreciative values, around the black population. However, in recent years, discourses have been emerging in the cultural scene, especially since the second half of the 20th century, that look up to rewrite the image of the black population in historical

¹ – Graduada em Letras/Português – UESPI; Mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - URCA

memory from a social locus of black discursive subjects. Thinking about these literary works that are from black discursive subjects, in this paper we build a discussion addressing the poem Lullaby for a Black Man (2020), by Merlem Alves, and the poem/song Boi da Cara Branca (2019), recreation of the lullaby "Boi da Cara Preta", by Élio Ferreira, trying to understand how the (re)writing of the image of black people in the social imaginary occurs by means of a discursive construction that arises in an ethical-living locus.

Keywords: Political word. (Re)writing. Social imaginary.

Primeiras palavras

O povo negro, assim como sua cultura, é marcado pela criação de diversos estereótipos ao longo dos tempos dentro dos cenários culturais, sociais e políticos presente na sociedade brasileira. Criando uma representação mediante a construção de arquétipos do ser negro. Para tanto, esse ato recorre a diversos discursos/práticas socioculturais que colocam o povo negro e sua cultura à margem da denominada ‘civilização social’, fazendo com que a população negra seja negligenciada em seus diversos direitos que os constituem enquanto cidadãos.

A presença ou representação da população negra à margem da sociedade nas manifestações socioculturais é um reflexo direto dos discursos/vozes sociais, carregadas de visões de mundo eurocêntrica, elitista e racista, presentes na sociedade brasileira. O que nos traz a necessidade de buscarmos analisar as representações do povo negro na memória-histórica, e a própria (re)escrita dessa imagem em relação aos discursos que estão presentes em tais manifestações.

Para a discussão, ora iniciada, buscamos analisar duas manifestações culturais em que observa-se uma (re)escrita do imaginário em torno do povo negro e suas culturas mediante uma ligação com a ancestralidade e a relação com a coletividade mediada pela presença de um sujeito discursivo ideologicamente marcado pelo lugar de sujeito negro na sociedade. Utilizaremos como *Corpora* de análise o poema *Canção de ninar para um negro* (2020), da estudante e poetisa negra Merlem Alves, e o poema *Boi da Cara Branca* (2019), adaptação/recriação da cantiga de ninar “*Boi da Cara Preta*”, do escritor e poeta negro Élio Ferreira. Ao longo das discussões pautaremos nossa análise em torno da palavra negro, tanto na sua presença de forma ‘quase’ implícita no poema, de Merlem Alves, quanto na sua ausência na recriação da cantiga “*Boi da Cara Preta*”, feita por Élio Ferreira. Entendo-a como uma palavra política no corpo dos textos ora estudados.

O ser negro – um arquétipo no discurso sociocultural

Para Consoelo Costa Soares Carvalho,

A presença do negro na literatura brasileira pode ser percebida no século XVII com as poesias satíricas de Gregório de Matos. A partir do século XIX sua representatividade aparece mais explicitamente, contudo pautada em um contexto histórico-social de um regime escravocrata em que o negro “era” tratado simplesmente como objeto, essa representatividade é marcada por estereótipos e perpetua-se nesses moldes até a atualidade. (CARVALHO, 2016, p. 01).

São representatividades que surgem centradas em discursos e práticas socioculturais ligadas ao discurso hegemônico presente no cenário social brasileiro. Tais discursos e práticas socioculturais estão presentes desde o ensino, de forma estereotipada, da cultura africana e do sequestro do povo negro durante o regime escravagista nas salas de aulas que se inicia no ensino básico. Utilizando, para tanto, livros didáticos que são produzidos em torno de sujeitos discursivos que estão situados em uma “posição axiológica” (BAKHTIN, 1993) de homens brancos e elitistas.

Essas representações são também situadas, como nos pontua Carvalho (2016), em obras literárias de diferentes períodos socioespaciais, como é possível observar nas criações de estereótipos em torno do povo negro e de sua cultura em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (2007). Obra que traz as personagens negras representadas a partir de arquétipos do povo negro como a representação centrada em uma configuração animalesca de Bertoleza, à qual é destituída de valores básicos e que lhe retiram o direito de Ser Humana, e a representação de Rita Baiana como uma mulher (negra/mulata) sexualizada, à qual tem-se todos os seus sentimentos e as percepções criadas em torno da sua sexualização; ou ainda, o romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade (2000), no qual já encontramos no subtítulo a referência ao mau-caratismo do herói, assim como ao longo da narrativa é criado uma imagem depreciativa da cultura e do povo negro por meio da folclorização da cultura negra.

Tais formas de representação estereotipadas do povo negro e de sua cultura na sociedade brasileira têm ainda raízes mais profundas, sobretudo, quando buscamos entender essa representação olhando para os primeiros contatos que o sujeito mantém, na sua infância, com a cultura que ocorrem, por muitas vezes, a partir do contato com as cantigas de ninar reproduzidas por nossos pais, avós, avôs, tios e tias, e que foram produzidas em um cenário social marcado pela desvalorização do povo negro e de sua cultura. Tais cantigas de ninar

carregam muitas vezes discursos sociais permeados por valores éticos que buscam colocar o povo negro no imaginário social de forma marginalizada e repassar uma ideia de medo para os sujeitos (crianças) que mantém contatos com tais cantigas.

De acordo com Walter Passos (2014)

Até hoje, são repetidas canções de ninar carregadas de estereótipos, de preconceitos, de preceitos morais ocidentais, amedrontamento e terrorismos nas crianças pretas. Considero-as canções de ninar da escravidão, formulada nas Casas Grandes para que nós tivéssemos medo de nós mesmos e dos nossos. (PASSOS, 2014, p. S/N).

Tais reflexões, de Walter Passos, nos coloca sob um viés no qual conseguimos entender o porquê de tais canções/cantigas trazerem um discurso racista que busca a criação de estereótipos baseada no medo causado a quem ouve e, assim, também para a marginalização da cultura negra. O historiador focaliza o local do qual parte as construções discursivas presentes nas canções de ninar: As Casas Grandes. É nas “Casas Grandes” que o povo negro teve seu processo de marginalização continuado após o seu sequestro em África. É nesse *locus*, nesse espaço-temporal, que o povo negro encontra seu outro na sociedade brasileira que o marginaliza, o coloca como um não ser, e, que também coloca a sua cultura como não “civilizada”. Tal *locus* de construção discursiva permite a perpetuação dessas imagens criadas em torno do povo negro,

As canções de ninar cantadas pelos descendentes de africanos escravizados pela mais violenta e sangrenta guerra da história mundial, estimulam nas crianças um mundo fantasioso branco e os dá uma concepção conforme os desejos do opressor: do mundo preto é feio e impuro; do Boi da Cara Preta pega crianças; do Saci aleijado e viciado em tabaco, criando nas mentes infantis a autorrejeição da sua tez melaninada. (PASSOS, 2014, p, S/N).

As cantigas que, partem do *locus* Casa Grande, trazem em suas estruturas discursos sociais marcados por visões de mundo nas quais a cultura negra (canções, rezas, lendas) e o povo negro representam aspectos ruins. É mediante uma “consciência linguística representadora” (BAKHTIN, 2017, p. 157) que se constrói em um espaço discursivo racista como o *locus* Casa grande que é construída uma imagem da população negra e sua cultura de forma as marginalizar e criar uma atmosfera do medo em torno do povo negro. Tais linguagens representadoras ao serem repassadas/reproduzidas levam as crianças a não entenderem a cultura negra e, sim, a adquirirem medo dos diversos traços culturais do povo negro dentro da cultura brasileira. Levando ao que o autor nos diz que tenhamos “medo de

nós mesmos e dos nossos” e da nossa cultura.

Tal aspecto nos leva a pensar quanto à necessidade e urgência de revermos tais manifestações culturais dentro do cenário cultural brasileiro. Sendo importante observarmos de qual *locus* as novas manifestações culturais em que, o povo negro e sua cultura são abordados, partem, focalizando, assim, os discursos presentes em tais manifestações culturais em sua relação com o sujeito discursivo.

Quanto a este aspecto, voltando-se para as produções de cantigas de ninar, Walter Passos (2014, p. S/N) nos traz a necessidade de “que as canções de ninar para as crianças pretas deveriam surgir das suas experiências históricas e ancestralidade”, colocando, assim, a necessidade de outros sujeitos discursivos negros produzirem tais canções, nas quais focalizem, a partir de seu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017) de sujeito negro a ancestralidade do seu povo, as suas memórias e, assim, permitindo uma abertura para as crianças negras conhecerem de forma não estereotipada a cultura negra. Tal visão também se abrange as demais manifestações culturais, como a literatura, o teatro, os filmes etc., é preciso que as produções culturais de pessoas negras continuem a serem desenvolvidas e divulgadas como uma forma de desconstruir o discurso hegemônico que coloca a população negra sob um jugo colonial.

Quanto a relação entre a escrita/construção discursiva com a ancestralidade, presente por meio do *locus* discursivo do sujeito criador da cantiga e em outras produções culturais, podemos fazer uma aproximação com a visão de Conceição Evaristo quanto a constituição de sua escrita/escrevivência marcada pela relação da vivência de si com a coletividade, assim como, com a ancestralidade marcada pelo “acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir” (2020a, p. 52). É nessa relação de si com a coletividade e com a ancestralidade do povo negro que é preciso (res)escrever as histórias e estórias desse povo, marcando, assim, a posição de um eu-discursivo-criador-negro presentes nos discursos, não só das cantigas de ninar, como também em outras manifestações culturais como romances, peças teatrais, canções, poemas, etc.

A (des)construção a partir do eu

Para Kátia da Costa Bezerra (2002), a presença de discursos nas manifestações culturais que buscam (des)construir uma visão marginalizada de grupos sociais e das suas culturas, nos leva a,

Deparamo-nos com a circulação de textos que, comprometidos com uma estratégia de reconstrução de trajetórias individuais e coletivas, procuram reagir contra uma dinâmica de esquecimento imposta por um discurso hegemônico que persiste em silenciar o Outro, ao mesmo tempo que tenta falar pelo Outro a partir de seus posicionamentos ideológicos. (BEZERRA, 2002, p. 73).

Percebemos, de acordo com a autora, que a presença destes discursos, que buscam desconstruir visões marginalizadas de diferentes grupos e suas manifestações culturais, é marcada pelo “comprometimento” político, por meio do qual busca-se (re)escrever os discursos postos na sociedade brasileira quanto a estes grupos marginalizados pelos discursos/vozes hegemônicos que estão incrustados no meio social brasileiro. Levando a uma construção discursiva e um fazer estético marcado pela relação entre a linguagem/discurso utilizado nessas obras e ao posicionamento de um eu-discursivo de tais obras, dando as essas um empenho político que parte de um sujeito socialmente situado em uma posição axiológica (BAKHTIN, 2011) que lhe permite construir um discurso sobre os grupos marginalizados de forma a não os estereotipar, buscando, assim, construir um discurso mediante suas vivências.

O construir de uma linguagem que parta da ligação com a ética de um sujeito autoral está presente na constituição das obras de autoria feminina negra mediante a noção de *Escrivência* (EVARISTO, 2020a, 2020b). Essa sendo entendida, aqui, como uma estética literária que busca romper com o silenciamento imposto aos sujeitos autorais negros, surge como um fazer literário que busca “a criação de um campo simbólico que entrelaça história, memória e experiência” (BAROSSO, 2017, p. 23). Claro que, aqui, não partimos do sujeito pessoa física, mas sim a partir da perspectiva bakhtiniana quanto ao autor-criador, visto como uma consciência interna que parte de uma posição axiológica, da qual constrói seu discurso baseado em suas visões de mundo (BAKHTIN, 2011).

Para Eduardo de Assis Duarte (2011), a obra literária afro-brasileira parte de alguns indicadores para a sua constituição, e acreditamos que também é necessário que os estudos críticos de tais obras sejam pautados em tais indicadores. Para o autor,

Para além das discussões conceituais, alguns indicadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepional; mas, sobretudo, um *ponto de vista* ou *lugar de enunciação* política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. (DUARTE, 2011, p. 385, itálicos do autor).

Destacamos, sobretudo, os indicadores: *linguagem e ponto de vista ou lugar de enunciação*, abordados pelo autor, para a nossa discussão tendo em vista ao que Kátia Bezerra (2002) nos traz quanto ao surgimento de discursos presentes em diferentes manifestações culturais, dentre elas a literatura afro-brasileira, que partem de um ‘*comprometimento político*’ dos sujeitos discursivos de tais manifestações, e o que Barossi (2017) nos pontua quanto ao surgimento de uma estética que surge na ligação com o ser ético autoral, e que buscam (re)escrever a história de diversos grupos sociais marginalizados partindo de um lugar social e visão de mundo determinado. Ou ainda, ao que Mikhail Bakhtin (2011; 1993) nos fala quanto à constituição estética da obra literária que parte de uma consciência criadora interna (autor-criador) da obra marcada por sua visão de mundo mediante sua posição axiológica frente aos acontecimentos que são refratados para sua constituição.

Na literatura afro-brasileira para Duarte “é preciso compreender a autoria não como um dado “exterior”, mas como uma *constante discursiva* integrada à materialidade da construção literária” (2011, p. 388, itálicos do autor), o que pode ser aproximado à ideia de autor-criador bakhtiniana vista como uma instância criadora interna à obra, não podendo ser confundido com o autor-pessoa física (BAKHTIN, 2011). Para Duarte,

O ponto de vista adotado indica a visão de mundo autoral e o universo axiológico vigente no texto, ou seja, o conjunto de valores que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação. Diante disso, a ascendência africana ou a utilização do tema são insuficientes. É necessária ainda a assunção de uma perspectiva identificada à história, à cultura, logo toda problemática inerente à vida e às condições de existência desse importante segmento da população. (DUARTE, 2011, p. 391).

O ponto de vista, aqui, é entendido como a visão que o autor/sujeito discursivo na obra afro-brasileira tem diante dos temas inerentes à população negra na sociedade. O que revela também suas visões de mundo, essas estando diretamente ligadas a forma com que é abordado e organizado o conteúdo, o uso da linguagem e com a forma em que o sujeito discursivo-criador, visto por Duarte (2011) como uma constante discursiva interna à materialidade

estética das obras, se relaciona com as personagens, no caso das narrativas, com os conteúdos/temas abordados, com as reivindicações e/ou opressões que permeiam a população negra.

De acordo com Conceição Evaristo a literatura afro-brasileira “é uma literatura em que a escolha semântica está profundamente relacionada com a [...] situação social (do autor) ou com a experiência social já vivida” (2020b, p. 40, acréscimo nosso). Com isso, é possível observar que existe uma relação entre a constituição discursiva/linguagem, na sua relação com o conteúdo abordado, e o ponto de vista ou o lugar de enunciação do sujeito criador. O que na literatura afro-brasileira vai ser relacionada à autoria, ou nas palavras de Duarte, “a autoria há de estar conjugada intimamente ao ponto de vista” (2011, p. 390). Não podendo, assim, uma análise de tais obras desvincular esses indicadores.

Quando buscamos compreender a desconstrução de discursos hegemônicos que giram em torno do povo negro, que o marginaliza dentro do cenário sociocultural brasileiro, construindo uma memória do povo negro de forma estereotipada, a partir da focalização de obras afro-brasileiras, é necessário que seja mantida a relação autoria (constante discursiva interna) – linguagem - ponto de vista (visão de mundo). Para que, assim, possamos entender os discursos que são construídos nas obras afro-brasileiras partindo de uma visão de mundo, na qual o povo negro deixa de ser objeto do discurso literário canônico e se inscreve como “sujeito do/no discurso” da literatura afro-brasileira (CARVALHO, 2016, p. 01), como sujeito que tem direito à voz/palavra/linguagem em seu sentido político e que deixa de ser inserido como objeto nos discursos de outrem, passando a ser sujeito do discurso que age e fala em sua relação direta.

Da presença-ausência: a palavra política negro

A linguagem como signo ideológico, conforme as discussões bakhtiniana (VOLÓCHINOV, 2018), carrega em si diferentes visões de mundo de acordo com o grupo social/sujeito discursivo que a utiliza. O signo, por ser ideológico, “reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (p. 93) mediante um jogo de consciências que o utiliza na sua relação no mundo e com o mundo, influenciando, assim, na forma como é refratado/recriado pelo sujeito discursivo os discursos/visões de mundo que são apreendidos

na relação com o mundo dado e na sua relação com o outro na interação social.

A palavra, conforme Volóchinov, sendo “um signo ideológico *per excellence*” (2018, p. 98), “está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação” (p. 101) do sujeito discursivo com o mundo que por ele é refratado em seu ato criador,

[...] refratar significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (*refrações*) desse mundo. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 51).

Essas interpretações/refrações são construídas a partir da visão de mundo do sujeito discursivo. Na obra literária a partir da visão de mundo do autor-criador. Mantendo, assim, uma relação entre a linguagem/palavra em uso social com o autor-criador, ou, constante discursiva interna (DUARTE, 2011). Nesse sentido, a escolha por se desenvolver a análise dos poemas/cantiga, utilizados como fontes, focalizando na construção discursiva a partir da palavra *negro* deu-se por entendermos ser essa um signo ideológico e que a partir de sua presença/ausência nos poemas será capaz de nos guiar ao “ponto de vista ou visões de mundo” do sujeito-discursivo/autor-criador. E, assim, conseguirmos compreender como se dá a (re)escrita da história do povo negro na memória-histórica a partir das manifestações culturais de escrita negra dentro do cenário cultural brasileiro. Entendendo tanto essas manifestações culturais quanto a palavra “*negro*” como um discurso político na relação com uma “poética-política das escritas” como nos fala Roland Walter (2015, p. 16).

Para Walter (2015) a poética-política presente nas obras de autores negros é constituída por,

[...] uma democratização da memória cultural distorcida, falsificada e silenciada pelos diversos discursos hegemônicos. Esta poética-política traduz uma atitude descolonizadora no sentido de problematizar e perlaborar (o *durcharbeiten* freudiano) o trauma da dupla brutalização de pessoas e do espaço e seus efeitos que caracterizam as terras americanas. Neste processo, ela revela o contingente e ambivalente entre o lugar das identidades americanas enquanto espaço de perda (alienação/subalternização, etc.) e de potencialização (construção de subjetividade/identidade; a apropriação de uma posição de sujeito): um espaço transcriado cuja realidade intersticial é caracterizada por um passado reimaginado que hifeniza o presente linear numa *performance* espiral em direção a um futuro utopicamente melhor ou alternativamente diferente. (WALTER, 2015, p. 16, grifo do autor).

As obras literárias, caracterizadas pela poética-política, são marcadas pela busca de

uma ressignificação da imagem do povo negro, que foi sequestrado em África e brutalmente escravizado no período escravagista, e ainda na atualidade por meio de discursos e valores racistas que perduram na sociedade. Tendo sua imagem na memória-histórica de diversos países americanos construída a partir de um olhar outro que não lhes permiti(am) a constituição de si como sujeitos de suas histórias no imaginário social. Tais obras literárias ao partirem da escrita/discursos de sujeitos sociais negros histórica e socialmente situados em um lugar de fala, que foi marginalizado pelo discurso social predominantemente branco e elitista, dão aos sujeitos negros a possibilidade de se tornarem sujeitos do discurso e no discurso, como nos pontua Carvalho (2016).

Nesta perspectiva, é possível perceber a estética da poética-política/palavra política no poema *Canção de ninar para um negro*, de Merlen Alves (2020),

Essa cor que herdei
não surgiu do acaso
vem de raízes fortes
que entrelaçaram uma história
de luta,
de dor,
de sofrimento,
quando apenas queriam viver. (ALVES, 2020).

A voz-discursiva, o eu-lírico, situada em um lugar de fala de uma sujeita, mulher, negra, constrói seu discurso na relação com a ancestralidade para, assim, abordar a cor da pele *negra*. Construindo, desta forma, uma ressignificação da história do povo negro a partir do (re)contar das “raízes fortes” que foram permeadas pela luta, pela dor e pelo sofrimento que os nossos ancestrais passaram no processo de diáspora. Ao (re)contar a história do povo negro, a voz discursiva rompe com os discursos, presentes no imaginário social e na memória, em que a população negra no Brasil não tem um passado e até mesmo uma cultura ‘civilizada’. A presença-ausência da palavra política *negra (o)* dá-se dentro desta primeira estrofe pela relação que o primeiro verso mantém com os seguintes. A ausência da palavra *negra(o)* não faz com que o leitor não saiba situar e se situar no discurso presente no poema, uma vez que ao verso “Essa cor que herdei” segue toda uma (res)escrita das lutas e sofrimentos que o povo negro enfrentou, o que também desmistifica os mitos em torno do surgimento do povo negro.

A presença da poética-política relacionada à palavra política *negra(o)* em sua presença-ausência segue nas demais estrofes. Construindo, a partir de um lugar de fala

marginalizado pela sociedade brasileira racista e elitista, a subjetividade e a construção de um sujeito discursivo consciente de seus traços físicos, da textura do seu cabelo e da não necessidade desse ser escondido/encolhido para conseguir ser aceito no meio social, e da sua cor que não é pecadora para pedir desculpas a esta sociedade.

Basta!

Eu quero viver!

Minha cor não vai pedir desculpas,
meu cabelo não vai se encolher,
meus traços marcantes não vão se esconder. (ALVES, 2020).

Exaltando, assim, um pedido de socorro, a vontade de viver e denúncia do racismo que o povo negro sofre. Trazendo uma voz-discursiva de uma mulher negra consciente de seus direitos e dos direitos do seu povo, construindo seu discurso/palavra política na sua relação com o seu ponto de vista/visão de mundo diante das vivências e experiências de uma sujeita discursiva, mulher, negra, que vive em um meio social extremamente machista e racista que é a sociedade brasileira.

A escolha pela construção discursiva por meio da seleção da linguagem utilizada e da presença-ausência da palavra *negra(o)*, atrelada à sua visão de mundo, dá-se por ser, historicamente, a mulher negra esquecida, marginalizada, tendo os seus também marginalizados na sociedade brasileira. Essa relação entre o eu discursivo e os seus de antes e depois é marcada pela ancestralidade do que foi e do que está por vir, como podemos perceber pela voz do eu-lírico,

Meu ventre negro deixará sementes
que serão embaladas com um verso de ninar:

“Dorme filhinho, mamãe aqui está
Deita em meu seio e pode repousar
Eu sei que a maldade vai te procurar
Mas tuas feridas prometo aliviar.” (ALVES, 2020).

A voz discursiva ao trazer e (re)escrever a história do povo negro, as lutas, os sofrimentos ocasionados pelo racismo de antes e de agora, constrói seu discurso baseado não somente na suas experiências e vivências, como também nas vivências dos seus que vinham antes, que sofreram em meio ao sistema escravagista que perdurou no Brasil até 1888, e em

meio aos discursos racistas que se alastram, atualmente, na sociedade brasileira. A voz discursiva, o eu mulher negra, se constrói sujeita que tem direito à voz, ao discurso, no reconhecimento dos valores de seus ancestrais, na recuperação da memória de seu povo, e se constrói discursivamente também na sua relação com o seu outro (filho do ventre negro) que está por vir, em devir, em meio ao processo de marginalização da população negra. No entanto, este outro em devir será ninado pela voz discursiva da mãe que se tornou sujeita com um poder discursivo e sujeita no discurso, e não mais um objeto do discurso, sendo capaz de usar a sua palavra não só para ninar os da casa-grande, como também para lutar contra as opressões que estão por vir, e, assim, “acordá-los dos seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020b, p. 30).

Já no poema/cantiga *Boi da cara branca*, de Élio Ferreira, recriação da cantiga de ninar *Boi da cara pedra* presente no cenário sociocultural sendo vista como uma manifestação popular, traz como marca o ato de (re)escrever o discurso presente na cantiga tradicional. Percebemos que a ressignificação do discurso da cantiga tradicional está diretamente relacionada ao sujeito-autor (autor-criador ou constância discursiva) do poema/canção. O eu-lírico de *Boi da cara branca* constrói seu discurso/palavra política situado no lugar de fala de um homem negro na sociedade brasileira. Esse lugar de fala é permeado tanto por vivências, experiências de se entender como um sujeito negro no meio social brasileiro, quanto por lutas do povo negro que buscam, sobretudo, a valorização de sua cultura e história, relacionando-se com uma experiência de um ser coletivo.

Boi da cara branca

Boi, boi, boi...
Boi da cara branca,
Pega esta criança.
Que tem medo de carranca. (FERREIRA, 2019).

Ao substituir a palavra “preta” presente na cantiga tradicional há na voz discursiva do eu-lírico um comprometimento político no que diz respeito a (des)construção da imagem/ideia de medo criada em torno do povo preto, que foi historicamente criada na sociedade brasileira, a partir da cantiga *Boi da cara preta*, na sua relação com o grotesco que gera medo, o feio que assombra quando é relacionado com a imagem do boi, um animal, o que termina por criar a ideia de animalização do povo negro. Enquanto na cantiga tradicional é criada uma relação de semelhança entre a cor preta - o povo preto - o animal boi e a careta,

na recriação a partir da substituição das palavras políticas – “signos ideológicos” (VOLÓCHINOV, 2018), em sua relação com o sujeito discursivo, observamos a tentativa de desmistificar a ideia do Branco – Bom, do Negro – Ruim, é por meio da ausência da palavra negro (boi da cara preta) na recriação que observamos uma busca pela (re)escrita da imagem do negro na memória-histórica. Tal substituição das palavras, aqui entendidas como signos ideológicos ou palavras políticas, está relacionada com a posição ideológica do sujeito discursivo (autor-criador ou constância discursiva) do poema/canção recriada.

Percebemos, assim, que o comprometimento político do autor-criador/consciência discursiva, no ato de recriar a cantiga de ninar tradicional, está diretamente relacionado com as escolhas lexicais que constituem o seu discurso, marcando, assim, o seu posicionamento axiológico frente as discussões, lutas e reivindicações da população negra. O que também nos leva a entender que a visão de mundo do autor-criador estar diretamente vinculada ao entendimento de que as manifestações culturais que, geralmente, são entendidas como “inofensivas” carregam diversos discursos racistas que marginalizam a população negra, urgindo, assim, a necessidade da produção/(re)criação de tais manifestações que partem de um sujeito negro que é socialmente localizado em tal lugar de fala e/ou posição axiológica, marcando, assim, sua visão de mundo na constituição de tais produções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença-ausência da palavra *negro (a)*, refletido no poema, de Merlem Alves (2020), pela construção da relação entre a cor da pele com as dores, lutas e sofrimentos do povo negro, é vista como uma forma de empoderamento da mulher negra frente aos discursos que buscam marginalizá-la. O eu-lírico constrói seu discurso ressaltando seus traços de mulher negra, ressaltando sua história e a dos que vieram antes, ressignificando e tomando para si, com uma positividade, não só a palavra *negro (a)*, como também todos os traços físicos e culturais do povo negro que foram e são usados para os marginalizar. Fazendo com que tenha início um processo de desconstrução dos discursos racistas e machistas que giram em torno da imagem da população negra no Brasil. O que também pode ser observado em *Boi da cara branca* (2019), de Élio Ferreira. No poema/cantiga de Ferreira a (des)construção do imaginário social em torno do povo negro, que o coloca em um lugar que impera a marginalização e a criação de estereótipos, parte de um comprometimento político do sujeito

discursivo, enquanto sujeito negro, frente aos discursos que marginaliza a população negra. Construindo o seu discurso mediante seus valores éticos e visão de mundo. Compreendemos, desta forma, que existe uma constituição de uma estética política nas obras em análise mediante a presença de um sujeito discursivo/criador que parte de um local ético, vivenciado para o ato estético que desenvolve. Um sujeito que tem compreensão de seu espaço e do espaço dos seus outros, sujeitos negros, construindo, assim, uma estética que busca transgredir discursos e visões racistas que colocam a população negra em espaços marginalizados e que constroem imagens que buscam criar arquétipos do ser negro na sociedade brasileira.

Referências

ALVES, Merlen. Canção de ninar para um negro. *Artes e Culturas*, v. 1 n. 6, 2020. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/2020/08/12/cancao-de-ninar-para-um-negro/>. Acesso em: 01/12/2021.

ANDRADE, Mário. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier. 2000.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e personagem na atividade estética. In: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 03-186.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza da edição americana: *Toward a Philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993. Tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico.

BEZERRA, Kátia da Costa. Miriam Alves: a construção de uma poética “para não ninar”. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 37, nº 4, p. 73 – 86, dez, 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/14259/9484>. Acesso em: 24/02/2021.

CARVALHO, Consoelo Costa Soares. Literatura afro-brasileira: questionamentos e ruptura de ideais hegemônicos. *Congresso internacional de história*. 27-29 de setembro. 2016. Disponível em: http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1477926019_ARQUIVO_CONSOELOTtextocompletoCongressodeHistoria.pdf. Acesso em: 05/12/2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. IN. DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 375-403.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. IN. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivência: a escrita do nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-48.

EVARISTO, Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. IN. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivência: a escrita do nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 48-58.

FERREIRA, Élio. **Alguns poemas**. Teresina: Quimera Editora, 2019.

PASSOS, Walter. As cantigas de ninar africanas. **Bayah**. 2014. Disponível em: <http://cnnca.blogspot.com/2014/07/as-cantigas-de-ninar-africanas.html>. Acesso em: 01/12/2021.

RIBEIRO, Djamila. **O lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

WALTER, Roland. Entre mares e lares: a poética da (des)locação na literatura do arquipélago caribenho. *Revista brasileira do Caribe*, v. XVI, n. 30, jan/jun, p. 13-46, 2015.